

O Haiti é Aqui: mídia, imigração haitiana e racismo no Brasil

Haití es Aquí: medios de comunicación, inmigración haitiana y racismo en Brasil

Haiti is here: media, Haitian immigration and racism in Brazil

—

Denise COGO

denisecogo2@gmail.com

—

Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación

N.º 139, diciembre 2018 - marzo 2019 (Sección Informe, pp. 427-448)

ISSN 1390-1079 / e-ISSN 1390-924X

Ecuador: CIESPAL

Recibido: 18-04-2018 / Aprobado: 29-10-2018

Resumo

Esse artigo apresenta os resultados de uma pesquisa orientada à análise das narrativas produzidas e difundidas, entre 2015 e 2017, em espaços de mídias digitais criadas por imigrantes haitianos no Brasil, enfatizando aquelas narrativas que buscam dar visibilidade às suas experiências no âmbito das relações raciais. A metodologia abrange a coleta de um corpus dessas narrativas em mídias digitais e a realização de 15 entrevistas com imigrantes haitianos. O marco teórico abarca as interfaces entre relações raciais, migrações transnacionais e mídia. Os resultados apontam que as narrativas evidenciam o reconhecimento, por parte dos haitianos, das especificidades que configuram as relações raciais no Brasil, assim como os impactos e modos de enfrentamento do racismo em suas trajetórias migratórias no país.

Palavras-chave: mídias, imigração haitiana, narrativas, racismo, Brasil

Resumen

Este artículo presenta los resultados de una investigación orientada al análisis de las narrativas producidas y difundidas, entre 2015 y 2017, en espacios de los medios de comunicación digitales, por inmigrantes haitianos en Brasil, enfatizando las narrativas que buscan dar visibilidad a sus experiencias en el ámbito de las relaciones raciales. La metodología abarca la recolección de un corpus de narrativas en medios digitales y la realización de 10 entrevistas con inmigrantes haitianos. El marco teórico abarca las interfaces entre relaciones raciales, migraciones transnacionales y medios de comunicación. Los resultados apuntan a que las narrativas evidencian el reconocimiento, por parte de los haitianos, de las especificidades que configuran las relaciones raciales en Brasil así como los impactos y los modos de enfrentamiento del racismo en sus trayectorias migratorias en el país

Palabras clave: medios de comunicación, inmigración haitiana, narrativas, racismo, Brasil

Abstract

This article presents the results of a research oriented to the analysis of the narratives produced and disseminated between 2015 and 2017 in digital media spaces, created by Haitian immigrants in Brazil, emphasizing those narratives that seek to give visibility to their experiences in the scope of racial relations. The methodology includes the collection of a corpus of these narratives in digital media and 10 interviews with Haitian immigrants. The theoretical framework encompasses the interfaces between race relations, transnational migrations and the media. The results point out that the narratives show the recognition by the Haitians of the specificities that shape racial relations in Brazil as well as the impacts and ways of coping with racism in their migratory trajectories in the country.

Keywords: media, Haitian immigration, narratives, racism, Brazil

1. Introdução

Entre o ano de 1819 e o final da década de 1940, o Brasil recebeu aproximadamente cinco milhões de imigrantes, principalmente italianos, portugueses, espanhóis, alemães e japoneses, além de grupos migratórios menos expressivos numericamente - como russos, austríacos, sírio-libaneses e poloneses (Seyferth, 2007). Cabe lembrar que o Brasil vem se posicionando historicamente também como uma nação de emigrantes, experimentando, nas décadas de 1980 e 1990, um significativo deslocamento de brasileiros para o exterior, principalmente para países como Estados Unidos, Japão, Portugal e Paraguai.

Contudo, na sua condição de receptor de imigrantes, o Brasil registrou, depois do período pós-guerra, uma redução significativa do fluxo de imigrantes¹, quando, a partir de 2008, começou a se tornar novamente opção de grupos migratórios diversos, dentre os quais norte-americanos, espanhóis, portugueses, senegaleses e haitianos (Cogo & Badet, 2013). Dentre os fatores que contribuíram para esse recente crescimento das migrações no país estão o endurecimento das políticas de imigração nos países do hemisfério norte, a crise econômica global que atingiu Estados Unidos e Europa e a realização, no país, de obras de infraestrutura relacionadas a grandes eventos, como a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016. No entanto, apesar desse crescimento², o Brasil conta com um percentual pouco significativo de imigrantes em sua população, aproximadamente 0,9%, ou seja, um total de 700 mil estrangeiros numa população de mais de 200 milhões³.

É nesse cenário que, em 2010, após o terremoto que atingiu o Haiti, o Brasil começou a se consolidar como uma das novas rotas migratórias da diáspora haitiana no mundo, somando-se a destinos que, há várias décadas, contam com presença significativa dessa diáspora, como Estados Unidos, França, Canadá, República Dominicana, algumas ilhas caribenhas (Bahamas, Martinica, Guadalupe) e a Guiana Francesa (Audebert, 2017; Handerson, 2015). Estimativas do Ministério dos Haitianos Residentes no Exterior (MHAVE) mostram que nesses países residem a maioria dos cerca de 5 milhões de haitianos que vivem no exterior, o que representa cerca da metade dos 10.413,211 milhões de habitantes que compõem a população do Haiti (Handerson, 2015, p. 40-41).

Dados de 2017 indicam que a comunidade haitiana no Brasil está composta por cerca de 60 a 65 mil pessoas, situando o país como o espaço nacional que abriga o maior contingente de imigrantes haitianos na América do

1 Lembrando, entretanto, que, nas décadas de 1970 e 1980, foi registrado um aumento da presença de imigrantes hispano-americanos (argentinos, uruguaios, bolivianos, paraguaios, etc.), sobretudo de exilados das ditaduras do Cone Sul, assim como de refugiados colombianos.

2 Segundo dados de 2016, divulgados pela Polícia Federal (PF), em 10 anos, o número de imigrantes no país aumentou 160%. Disponível em <https://goo.gl/bDGuZ9>

3 Considerando apenas os imigrantes que contam com regularização jurídica. Disponível em <https://goo.gl/nVE3fm>

Sul e como um dos principais destinos Sul-Sul dessa diáspora⁴ (Handerson, 2017; Audebert, 2017). Os haitianos que chegaram ao país, nesses últimos anos, ingressaram pelas fronteiras da região norte do país e pelos aeroportos de grandes cidades brasileiras – principalmente Rio de Janeiro, São Paulo, e Brasília⁵. Em 2012, o governo brasileiro, através do Conselho Nacional de Imigração (CNIg), criou um dispositivo legal – denominado visto humanitário – orientado à regularização dos haitianos que chegavam sem os vistos exigidos para ingresso no país.

Se, inicialmente, os haitianos que chegaram ao Brasil eram, em sua maioria, homens jovens, com idade entre 23 e 34 anos, a partir de 2013, percebe-se um aumento no número de migrantes mulheres, de crianças e idosos (Ximenes e Almeida, 2014; Silva, 2018). No que se refere à escolaridade, levantamento recente⁶ aponta que a maioria dos haitianos possui mais de dez anos de estudos, o que equivale ao ensino médio no Brasil. Tal dado situa os haitianos “numa condição relativamente superior em relação ao nível médio de formação do trabalhador brasileiro, cuja proporção daqueles que tinham de 11 a 14 anos de formação era de 36,03% em 2013”. (Pnad/IBGE)” (Silva, 2018, p. 462)

São Paulo se consolidou como o estado brasileiro que recebeu quase a metade dos imigrantes haitianos que ingressaram no país a partir de 2010, seguido dos estados situados na região sul do país - Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. No entanto, apesar da preferência pelos grandes centros urbanos, nos primeiros quatro anos de sua presença no Brasil, os haitianos já estavam inseridos em 16 dos 26 estados brasileiros, além do Distrito Federal, onde se situa a capital do país. Isso demonstra que a difusão espacial tem sido uma das especificidades dessa imigração, impulsionada possivelmente pelas lógicas das redes de trabalho e os contratos oferecidos por empresas em cidades de diferentes regiões brasileiras (Handerson, 2017, p. 16).

Os haitianos são, ainda, o grupo migratório com maior presença no mercado de trabalho formal no Brasil, superando migrações clássicas, como a dos portugueses, segundo registra o relatório pelo Observatório das Migrações Internacionais (Cavalcanti, Oliveira, Araujo & Tonhati, 2017). Os imigrantes haitianos exercem atividades laborais ligadas predominantemente aos setores da indústria, construção civil, transportes, alimentação (restaurantes, supermercados) e vigilância, a maioria deles em ocupações diferentes às exercidas no Haiti e, muitas vezes, aquém de suas qualificações.

Embora o terremoto seja frequentemente apontado como a principal motivação para a migração de haitianos para o Brasil, esse novo movimento migratório não pode ser compreendido como decorrência unicamente das

4 Chile, Equador e Peru são os outros três principais países sul-americanos com maior presença de haitianos.

5 Parte dos imigrantes chegados entre 2010 e 2012 já não residiam no Haiti, mas procediam de outros países como República Dominicana, Equador, Cuba e Chile (Handerson, 2017).

6 Realizado pelo Observatório das Migrações em São Paulo, Grupo de Estudos Migratórios da Amazônia, Observatório das Migrações em Santa Catarina e Observatório das Migrações de Rondônia.

consequências da catástrofe que agravou as já precárias condições de sobrevivência de grande parte da população haitiana. Conforme sintetizam Pimentel e Cotinguiba (2014), o fenômeno precisa ser lido em sua multidimensionalidade e à luz da própria constituição histórica do Haiti como uma nação diaspórica.

A partir de entrevistas com imigrantes haitianos, Handerson (2017) levanta alguns aspectos das vinculações sociocomunicacionais entre Brasil e Haiti que teriam contribuído, nos últimos anos, para a consolidação de alguns imaginários nacionais e raciais sobre o Brasil e para a escolha do país como novo destino migratório da diáspora haitiana. O autor destaca, inicialmente, a posição específica ocupada pelo exército brasileiro no comando das tropas da Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH) entre os anos de 2004 e 2017. Embora a Missão tenha sido marcada pela violência e intervenção nos processos de autonomia do Haiti, pode ter colaborado também para uma aproximação da população haitiana com o Brasil.

Handerson (2017) remete, ainda, ao posicionamento público do governo brasileiro na reafirmação de um discurso de abertura e hospitalidade em relação aos haitianos. Tanto no Haiti como em outros países, circularam narrativas sobre os incentivos que seriam dados à imigração haitiana no Brasil, sobre as ofertas de emprego em obras de infraestrutura da Copa do Mundo de 2014, sobre os altos níveis salariais do país, ou ainda, sobre moradia e alimentação gratuitas que estariam sendo oferecidas aos trabalhadores imigrantes⁷. Por fim, um último aspecto mencionado pelo pesquisador faz referência à propaganda e imagem do Brasil no Haiti, associadas à ideia de um “paraíso racial”, e que poderiam ter incidência especialmente no imaginário daqueles imigrantes haitianos que enfrentaram experiências de discriminação na República Dominicana e no Equador.

Além desses três aspectos, Handerson (2017) destaca também a construção histórica de vínculos culturais entre Brasil e Haiti, ancorados em elementos culturais como a origem africana comum, a música e o futebol, ou, ainda, a reatualização desses vínculos através da difusão, por parte da televisão haitiana, de produções midiáticas brasileiras como as telenovelas e os desfiles de carnaval do Rio de Janeiro.

A despeito da redução da entrada de imigrantes haitianos decorrente da crise econômica e do aumento do desemprego no Brasil a partir de 2015⁸, Silva (2018, p. 459) afirma que a presença dessa nova imigração se consolidou em várias regiões brasileiras em decorrência de fatores como a transformação do

7 Cabe lembrar aqui das duas visitas oficiais realizadas ao Haiti após o terremoto de 2010, pelos presidentes brasileiros Luís Inácio Lula e Dilma Roussef, que, em seus discursos, destacaram a abertura do país à imigração haitiana (Cotinguiba e Pimentel, 2014, p. 33; Handerson, 2017, p. 14).

8 Muitos haitianos se dirigiram a outros países, como Chile e Estados Unidos. Posteriormente, após a eleição Donald Trump e a adoção, pelos EUA, de uma política de maior controle das fronteiras e de ingresso de imigrantes, foi possível observar dinâmicas de remigração de haitianos, ou seja, um novo fluxo composto por alguns imigrantes que retornaram ao Brasil e outros que chegaram pela primeira vez. Mais informações em: <https://bit.ly/2R4w99A>

visto humanitário em permanente, a reunificação familiar ou como resultado, ainda, dos próprios processos de inserção sociocultural desses imigrantes (Silva, 2018, p. 459).

No marco desses cenário, o artigo aqui proposto tem como objetivo analisar um conjunto de narrativas produzidas e difundidas, entre 2015 e 2017, em espaços de mídias digitais criadas por imigrantes haitianos no Brasil. Focalizamos, especialmente, aquelas narrativas em que esses imigrantes buscam dar visibilidade às suas experiências no âmbito das relações raciais, assim como evidenciar as estratégias contradiscursivas de enfrentamento do racismo em suas trajetórias migratórias no país. A metodologia da pesquisa abrange a coleta de um corpus dessas narrativas em mídias digitais e a realização de 15 entrevistas com imigrantes haitianos em três regiões brasileiras. O marco teórico abarca as interfaces entre relações raciais, migrações transnacionais e mídia, conforme passamos a desenvolver a seguir.

2. Marco teórico - relações raciais, migrações transnacionais e mídias

O Brasil foi o último país das Américas a libertar os negros escravizados em um ato oficial⁹, que decorreu de um longo processo de movimentos abolicionistas precedidos das leis “Eusébio de Queirós” (1850)¹⁰; “Lei do Ventre Livre” (1871)¹¹; e “Lei dos Sexagenários” (1885)¹². No entanto, a herança do sistema escravista ainda perdura e opera como marcador das relações étnico-raciais brasileiras, na reatualização do racismo e na naturalização das desigualdades sociais no país. “O recorrente confinamento de afro-brasileiros em escalões inferiores da estrutura social brasileira colabora, em grande medida, para a cristalização da ideologia do racismo sustentada na hierarquização dos seres humanos, baseada em origens étnicas e tons de pele” (Cogo & Machado, 2011, p. 217-218)¹³.

No contexto brasileiro, as teorias e práticas sobre as relações étnico-raciais são marcadamente influenciados pela perspectiva da mestiçagem (Munanga, 2004). O permanente e intenso processo de miscigenação que acabou constituindo o Brasil como uma nação multirracial, e não birracial ou claramente polarizada, como é o caso dos Estados Unidos, não reduziu o

9 As notícias oficiais de liberdade em todo o território nacional só se confirmaram no dia 13 de maio de 1888, data da assinatura da Lei Imperial 3.353, conhecida como Lei Áurea.

10 Proibiu a entrada de novos africanos escravizados no país.

11 Libertou os filhos e filhas de africanas e afro-brasileiras escravas que nascessem após essa data

12 Libertou os africanos e os afro-brasileiros com mais de 65 anos de idade.

13 Mais da metade da população brasileira (54%) é constituída de pretos ou pardos, sendo que a cada dez pessoas, três são mulheres negras, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Contudo, em 2015, os brasileiros brancos ganhavam o dobro do que os negros. A crise e o desemprego também atingem com mais força a população negra brasileira: eles são 63,7% dos desocupados, o que corresponde a 8,3 milhões de pessoas. Atualmente, de cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras. As mulheres negras também são as mais vitimadas pelo feminicídio e a violência doméstica (Oliveira, 2017).

racismo, mas sim complexificou as relações raciais e as dinâmicas de exclusão e desigualdades sociais baseadas nos referentes étnico-raciais (Chaves & Cogo, 2013). Além disso, há, ainda, no senso comum, um argumento recorrente que tende a esvaziar o preconceito racial, deslocando do étnico e situando as desigualdades sociais na esfera da classe social. Ou seja, o argumento de que “o pobre e não o negro é quem não ascende” busca esvaziar a evidência de que os afro-brasileiros são os mais desfavorecidos em termos de direitos cidadãos (Cogo & Machado, 2011, p. 220).

No marco dos processos de mestiçagem, a política de branqueamento assumiu, no Brasil, uma especificidade que condicionou as relações raciais também de modo distinto ao observado na trajetória de outras nações, repercutindo na formulação das políticas migratórias nacionais. A concepção de “supremacia branca”, que exclui aqueles que não se enquadram no padrão imposto, foi substituída pela admissão da “superioridade branca”, pautada na hierarquização entre as raças e não inclusão dos considerados “diferentes” ou “inferiores”.

Desde os primeiros movimentos migratórios para o Brasil, pesquisadores como Seyferth (2000) tem se preocupado em evidenciar a existência de controle de fluxos de imigração no país associados a esse ideal do imigrante branco e europeu. A autora aponta que Estado e governos se moviam pelo objetivo de assegurar o que o país supostamente necessitava, ou seja, de “trabalhadores brancos e sadios, agricultores exemplares oriundos do meio rural europeu, com todas as ‘boas qualidades’ do camponês e do artífice, obedientes à lei, dóceis e morigerados, de moral ilibada, etc.”¹⁴ (Seyferth, 2000, p.3). Embora no início da imigração europeia as exclusões de natureza racial ou cultural tenham tido importância secundária, isso não significou tolerância quanto ao perfil do imigrante ideal, segundo sintetiza a autora:

A existência da imigração coincidindo com o regime escravista e o discurso sobre ‘trabalho livre’, por princípio, excluía os negros - desqualificados, sobretudo após a proibição do tráfico, em 1850, por sua suposta inferioridade racial e cultural, e por serem, em função disso, considerados incompatíveis com a civilização e incapazes de produzir desenvolvimento econômico. Antes e depois da abolição, dizia-se que cogitar uma corrente imigratória da África para o Brasil seria equivalente ao indireto restabelecimento do tráfico (Seyferth, 2000, p. 1).

Em 1888, após abolição da escravidão no Brasil, a alternativa encontrada para a substituição da mão de obra negra foi a remuneração de colonos europeus e asiáticos pelo trabalho em áreas rurais e em outros setores da economia. Alguns ex-escravos se tornaram trabalhadores livres, embora isso não tenha impedido que continuassem preteridos para os postos de trabalho

14 Dentre os europeus, eram considerados ‘indesejados’ grupos como refugiados, deficientes físicos, ciganos, ativistas políticos, velhos, comunistas e os condenados criminalmente.

disponíveis. Mesmo após a Proclamação da República brasileira, em 1889, os escravos libertos não conseguiram negociar as regras e condições do novo regime de trabalho com os proprietários de terras. Essa situação obrigou muitos escravos a abandonarem os locais onde moravam, ficando destituídos seja da parcela das terras onde trabalharam seja de políticas reparatórias por parte do governo brasileiro, processo que contribuiu para a produção de desigualdades sociais e econômicas da população afro-brasileira que ainda persistem (Chaves & Cogo, 2013).

A tese do “branqueamento” da população brasileira sustentou igualmente o debate sobre a necessidade de assimilação dos migrantes, postulado presente desde meados do século XIX e que perdurou durante o governo do Presidente Getúlio Vargas, entre 1937 e 1945. Se, por um lado, esse postulado situava os europeus como parte de um processo de miscigenação cultural, por outro lado, havia uma expectativa de sua integração à cultura nacional através de um processo de “abrasileiramento”. O imaginário nacionalista, profundamente apegado a um sentido étnico de formação nacional, ajudou a criar não só outras formas de exclusão por graus de assimilabilidade (privilegiando migrantes de comprovada latinidade), como reafirmou os preceitos racialistas de desqualificação dos nativos da Ásia e da África (Seyferth, 2000, p. 2).

Na impossibilidade de ser revertida, a miscigenação vai ser resignificada pelas elites intelectuais, científicas e políticas brasileiras através de estratégias de racionalização que incluem o reforço à ideologia assimilacionista ou do branqueamento. Ideologia que, sustentada por mitos como o da democracia racial¹⁵, passa a operar no âmbito das relações sociais para escamotear o racismo¹⁶, os conflitos e as desigualdades entre os grupos étnicos existentes no Brasil. É nesse contexto que a desconstrução das políticas de branqueamento e de mitos como o da democracia racial se tornaram questões centrais na luta dos movimentos sociais negros e antirracistas no país, podendo ser observada nas disputas mais recentes envolvendo a implementação de políticas de ações afirmativas no Brasil a partir da primeira metade dos anos 2000 e que, em 2012, foram consideradas constitucionais pelo Supremo Tribunal Federal (Chaves & Cogo, 2013).

Cabe agregar aqui os impactos, no Brasil, da Revolução do Haiti¹⁷ (1791-1825), liderada pelo escravo liberto Toussaint L'Ouverture, tanto no pensamento e nas lutas do movimento negro quanto em outros setores sociais. A revolução, que culminou com a abolição da escravidão e a proclamação da Independência do Haiti, inspirou e marcou a trajetória do pensamento e as

15 Fundamentada no postulado de convivência harmônica e pacífica das três raças – branco, negro e índio – que formaram o país, o conceito de democracia racial se populariza a partir da proposição do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre (2013).

16 Os atos de discriminação por raça e cor são considerados crimes no Brasil desde 1989, quando entrou em vigor a Lei 7.716.

17 Haiti foi o nome dado à ex-colônia de São Domingos após a Independência.

lutas dos movimentos negros em distintos contextos nacionais. Ao tratar das repercussões da Revolução Haitiana no Brasil colonial e imperial, entre 1800 e 1840, Morel (2017, p. 307) lembra que os personagens da Revolução, cativos que se tornaram dirigentes políticos, eram conhecidos no Brasil e passaram a representar uma ameaça aos interesses dos escravistas, além de gerarem simpatia entre diferentes setores da sociedade nacional. Divulgados através de circuitos discursivos impressos, manuscritos ou orais, os ideais da Revolução Haitiana se disseminaram, segundo o autor, inclusive, entre os trabalhadores não escravizados e grupos dirigentes e dominantes brasileiros, repercutindo no debate sobre as soberanias nacional e popular, o antirracismo e a crítica à escravidão.

Nesse trabalho, interessa-nos refletir como, em espaços das mídias, são produzidas narrativas que (re)atualizam esses vínculos históricos entre Brasil e Haiti no marco específico da vivência das relações raciais por imigrantes haitianos. Do ponto de vista da centralidade que assumem as mídias nas sociedades contemporâneas, Silverstone (2010) situa a participação na cultura midiática como uma dimensão cada vez mais preponderante de nossa experiência social. Entender essa participação como ativa, implica, para o autor, reconhecer que essa atividade ou essa agência pressupõe algum tipo de responsabilidade, tendo em vista que a polis dos meios não existe sem nossa participação, inclusive na instância da produção das mídias. “As respostas sociais ou políticas dos participantes estão estreitamente vinculadas com o mundo que procuram representar e disputar por meio das imagens midiáticas”, sintetiza o autor (Silverstone, 2010, p. 168). Sem desconsiderar as dinâmicas de dominação e homogeneização das mídias, Martín-Barbero (2004) também analisa, no contexto latino-americano, os usos sociais dos meios de comunicação por setores sociais em sua perspectiva de configuração de outras formas de saber, percepções, sensibilidades, linguagens, sociabilidades, assim como de modos de resistência e intervenção na realidade social.

Em um cenário de intensa oferta de imagens sobre as migrações transnacionais, Geourgiou (2018) nos convida a refletir sobre a hipervisibilidade de imigrantes e refugiados na mídia *mainstream* para indagar sobre as possibilidades que, em espaços das mídias digitais, esses migrantes participem e se tornem também agentes de seus próprios regimes de visibilidade. Ou seja, que, nesses espaços, imigrantes e refugiados possam falar sobre suas trajetórias de mobilidade, propor modos de representação simbólica sobre suas experiências, sem estarem subordinados unicamente às vozes de mediadores, ou especialistas. A autora não deixa de destacar, contudo, a complexidade implicada nessas disputas e negociações comunicacionais, alertando que “nem todo mundo fala e é ouvido do mesmo modo; nem todo mundo é igualmente representado, mesmo estando digitalmente presente” (Geourgiou, 2018, p. 49).

Na perspectiva desses autores, buscamos refletir sobre como a apropriação de espaços nas mídias digitais (como websites, grupos e perfis em plataformas

como Facebook, YouTube, etc.), vem gerando dinâmicas de transnacionalismo no contexto de redes de imigrantes haitianos, nas quais são produzidas e compartilhadas narrativas sobre o Brasil como novo espaço de inserção da diáspora haitiana no mundo. Guarnizo (2004) utiliza a expressão “viver transnacional” para defender que essas ações exercem um impacto social e não apenas econômico relacionado ao envio, pelos migrantes, de remessas aos seus países de origem. O “viver transnacional” se compõe, na visão do autor, de um intenso fluxo de ideias, comportamentos, identidades e capital social que constituem as interações em redes migratórias, vinculando os países de origem e destino dos migrantes. Cabe destacar, contudo, que as práticas transnacionais não são sempre universais e regulares, ou contam com a participação de todos os imigrantes, embora não possam, também, ser avaliadas apenas pela dimensão numérica dessa participação, conforme propõe Portes (2004). Ou seja, é necessário considerar a soma das ações transnacionais regulares dos ativistas e daquelas pontuais, realizadas por outros migrantes. Glick Schiller, Bach e Szanton, Blanc (1992, p. 9) assumem o termo “transmigrante” para refletir sobre como a vida cotidiana dos migrantes transnacionais estão constituídas por interconexões múltiplas e constantes entre fronteiras internacionais e identidades públicas nas quais os migrantes articulam relações com as sociedades de origem e destino”

Nessa perspectiva, cabe destacar também as vinculações entre transnacionalismo migrante e o advento e expansão das tecnologias na área dos transportes e das comunicações. Se comparado com o passado, conforme destaca Portes (2004), os migrantes dispõem hoje de muitos mais recursos tecnológicos para manterem laços econômicos, políticos ou culturais com os respectivos países de origem. Haesbaert (2007) situa na maior velocidade dos meios de transporte e no acesso às tecnologias da comunicação os fatores primordiais que impulsionaram experiências de multiterritorialidade¹⁸, compreendidas como aquelas que envolvem a vivência concomitante, pelos sujeitos, incluindo os migrantes, de múltiplos territórios, provocando mudanças nas dinâmicas socioespaciais e geográficas contemporâneas.

Nas suas dinâmicas transnacionais de usos das mídias digitais, os imigrantes haitianos buscam articular, denunciar e dar visibilidade às suas demandas por cidadania que abrangem, dentre outras, a regularização jurídica; o acesso à moradia, à saúde e à educação (como realização de cursos de português e revalidação de diplomas) e a espaços de lazer e entretenimento; a busca de trabalho; o envio de remessas aos países de origem e a reorganização familiar. As intervenções dos imigrantes haitianos, nas mídias digitais, têm estado orientadas, ainda, ao deslocamento de representações construídas pela mídia brasileira que estiveram demarcadas seja por olhares complacentes de reafirmação da pobreza, precariedade e vulnerabilidade do Haiti seja pela reiteração da

18 Definida, pelo autor, como “a experimentação concomitante, pelos sujeitos, de múltiplos territórios.”

retórica da “invasão” de haitianos e dessa nova imigração como “problema” e “conflito” (Autor & XXX, 2016).

Os haitianos têm se mobilizado em espaços digitais também para o questionamento sobre a seletividade e a hierarquia raciais que demarcam a sua inserção e de outros imigrantes internacionais no Brasil, perspectiva que interessa especificamente a esse trabalho. Em 2015, pudemos observar um exemplo dessas mobilizações no episódio de produção e publicação “não consentida” da fotografia de um imigrante haitiano recém-chegado à cidade de São Paulo em um ônibus que transportava haitianos oriundos da região norte do país. Sob a legenda “Haitiano toma banho em mictório”, a imagem fotográfica, publicada nos jornais *Agora* e *Folha de São Paulo*, e replicada em diferentes espaços da internet, foi capturada, em 19 de maio de 2015, em um banheiro da Missão Paz, organização confessional vinculada à Igreja Católica, onde se situa a Casa do Imigrante¹⁹. A captura dessa imagem, supostamente sem o consentimento do imigrante fotografado, e, posteriormente, sua escolha como vencedora da categoria fotografia do Prêmio Vladimir Herzog²⁰, mobilizou um conjunto de denúncias e debates nas redes migratórias de haitianos em São Paulo sobre a ética jornalística e as repercussões desse tipo de representação midiática nos direitos humanos e cidadania desses imigrantes no país²¹ (Cogo & Pássaro, 2017).

A produção de narrativas dos imigrantes haitianos nas mídias digitais abordado nesse trabalho se inscreve em um campo de disputas sobre a “diferenciação do Outro”, conforme conceito proposto por Hall (2016), no qual vem se engendrando historicamente “regimes racializados de representação” que se constroem e consolidam por meio de diferentes repertórios, suportes e estratégias discursivas. Hall (2016) situa nos processos da escravidão, da colonização europeia e das migrações do “Terceiro Mundo” para a Europa e a América do Norte após a Segunda Guerra Mundial, a criação dos principais componentes de um encontro de “Ocidente” com as populações negras que deram origem a um campo de representações populares baseadas na marcação da diferença racial. Trata-se, na visão do autor, de um amplo fluxo de ideias e imagens que vão compor práticas representacionais para fixar a diferença, deter a desestabilização e assegurar o “fechamento” discursivo ou ideológico sobre o negro no mundo ocidental.

O estereótipo opera, nesse campo, como a prática significativa central para a representação da diferença racial e a manutenção da ordem social e simbólica na medida em que busca estabelecer uma fronteira simbólica entre o “normal” e o “desviante ou patológico”, o que “pertence” e “não pertence”, o “nós” e o “eles” (Hall, 2016). Através de formas como a essencialização, a redução, a naturalização e a construção de oposições binárias sobre o negro, a prática

19 Centro de acolhida de imigrantes situado no centro de São Paulo.

20 Um dos mais importantes prêmios na área de jornalismo, anistia e direitos humanos do Brasil.

21 Esses debates envolveram, ainda, a associação de imigrantes haitianos em São Paulo e integrantes de setores acadêmicos e organizações de apoios às migrações.

representacional da estereotipação²² se materializa em um conjunto de produções comunicacionais (mapas, desenhos, caricaturas, ilustrações, escritos de viagens, jornais, fotografia, etc.) que, em diferentes etapas históricas, articulam discurso visual e conhecimento racializados, como, por exemplo, aqueles relacionados ao corpo negro.

No contexto brasileiro, pesquisadores vêm produzindo, nas últimas décadas, um conjunto de reflexões sobre como os meios de comunicação têm operado como instância de exclusões e inclusões racializadas dos afrodescendentes. As mídias participam na produção e sustentação do racismo estrutural constitutivo da sociedade brasileira por meio de discursos que naturalizam a superioridade branca, consentem com o mito da democracia racial e discriminam os negros (Silva & Rosemberg, 2008). Articuladas ao ativismo dos movimentos negros, essas pesquisas têm evidenciado, ainda, a emergência e consolidação de espaços comunicacionais de criação e produção de mídias próprias produzidas pelas redes de afro-brasileiros e movimentos negros (jornais, blogs, websites, audiovisuais, etc) (Chaves & Cogo, 2013)

Nessa perspectiva, a mídia vem se constituindo também em um campo de disputa em torno do que Hall (2016) define como “reversão dos regimes de representação raciais dominantes” materializados em discursos e práticas contraestratégicas de movimentos sociais e raciais que visam desestabilizar significados sobre a diferenciação racial. A análise desenvolvida a seguir tem como objetivo compreender como as narrativas de imigrantes haitianos nas mídias digitais operam para ressignificar esses regimes de representação racial em suas experiências migratórias no Brasil.

3. Metodologia

A análise proposta nesse trabalho se fundamenta em uma metodologia de caráter qualitativo que abrangeu dois procedimentos. O primeiro deles consistiu na observação e coleta de um corpus de narrativas de distintos formatos e gêneros, produzidas e compartilhadas no contexto das mídias digitais (sites, redes sociais, etc.) por imigrantes haitianos no Brasil entre os anos 2015 e 2017, que aparecem relacionadas a seguir:

- a. Espetáculo Teatral Cidade Vodou 23 - <https://bit.ly/2UcPBVI>
- b. Espetáculo Teatral “Haiti Somos nós” - <https://bit.ly/2FnxDg> e <https://bit.ly/2UcPBVI>

22 Para Hall (2016), os estereótipos se referem tanto ao que é imaginado como fantasia como aquilo que é percebido como “real”.

23 A autora do trabalho assistiu ao vivo os dois espetáculos teatrais integrantes do corpus da pesquisa. Os links mencionados são exemplos de materiais que circularam na mídia para sua divulgação e que foram coletados na pesquisa.

- c. Projeto Vivências – Websérie Superação (capítulos A Chegada, Superação e Dia a Dia) <https://bit.ly/2YicGFI>; <https://bit.ly/2HEbmYU> e <https://bit.ly/2HQJJLp>
- d. Reportagem em Quadrinhos “O Haiti é aqui: uma outra história dos haitianos no Brasil” - <https://bit.ly/2Fxmqqp>
- e. Videoclipe Fuga de Cérebros - <https://bit.ly/2JLoqKC>
- f. Perfil do Facebook “O que a mídia não mostra do Haiti” - <https://bit.ly/2TX9JMe>
- g. Vídeo Campanha para a reforma da Sede da União Social de Imigrantes Haitianos no Brasil (USIH) - <https://bit.ly/2FxluAn>
- h. Biografia “Sonhos que mobilizam um imigrante haitiano” <https://bit.ly/2FwPpbN>
- i. Vídeo-campanha de financiamento coletivo para a construção de uma escola no Haiti - <https://bit.ly/2FyLY9n>
- j. Webrádio Jovens Haitianos Progressistas - <https://bit.ly/2Frz1qq>
- k. Programa Rosto Verdadeiro do Haiti - <https://bit.ly/2TW1oda>

Alguns desses materiais, que não poderiam ser considerados estritamente midiáticos, como os espetáculos teatrais, foram escolhidos por seu caráter comunicacional e por terem tido presença significativa tanto em espaços midiáticos digitais criados pelos próprios haitianos como terem sido objeto de ampla cobertura e divulgação por parte da mídia brasileira. Tratam-se de materiais digitais que se caracterizam pela diversidade e convergência de formatos e linguagens, como decorrência das próprias possibilidades abertas pelo acesso à internet e seu uso crescente pelos imigrantes. Os materiais foram criados por grupos ou coletivos de haitianos e, em alguns casos, com a colaboração de brasileiros e imigrantes de outras nacionalidades. Sua produção é, de modo geral, resultado do trabalho voluntário e não está vinculada a grupos, coletivos ou a práticas comunicacionais que têm uma existência orgânica, regular ou permanente. O que, segundo percebemos, é reflexo tanto da presença recente da imigração haitiana no Brasil quanto da fluidez e transitoriedade que caracterizam tanto as redes migratórias como o próprio campo da produção e difusão das mídias digitais. Em alguns casos, como os dois espetáculos teatrais e a Websérie Superação, os imigrantes contaram com recursos de governos locais para a produção dos materiais, inclusive via a obtenção de recursos em editais públicos. No caso da rádio JHP, a equipe busca captar pequenos anúncios ou, ainda, associar sua atuação com atividades no campo da produção cultural (produção de shows e espetáculos) com vistas a autossustentação.

A maioria desses materiais deriva, assim, de processos de produção que tiveram uma existência pontual e transitória²⁴, que se deve, por um lado, às próprias condições limitadas de que dispunham os imigrantes para sua produção, seja pela própria natureza da produção comunicacional (como são os casos dos espetáculos teatrais, da história em quadrinhos, da biografia, do videoclipe e dos dois vídeos-campanha de financiamento coletivo). Dos onze materiais analisados, o perfil do *Facebook* “O que a mídia não mostra do Haiti” e a webrádio Jovens Haitianos Progressistas²⁵ são as duas experiências que mantêm regularidade. Os materiais foram produzidos em três idiomas empregados pelos haitianos - português, francês e crioulo.²⁶ Cabe destacar, ainda, que parte dos materiais analisados não focaliza apenas experiências relacionadas ao racismo; porém, atribuem centralidade à questão racial. Esse foi, aliás, o critério prioritário adotado para a seleção dos materiais, uma vez que não tivemos a pretensão (e nem haveria essa possibilidade) de construir um corpus para análise que incorporasse integralmente o fluxo de materiais produzidos pelos haitianos nas mídias digitais.

Todas essas características específicas das produções midiáticas dos haitianos e seus modos de compartilhamento na internet condicionaram o processo de aproximação, mapeamento e coleta dos materiais para composição do corpus de análise da pesquisa. O acesso aos materiais foi possibilitado por diferentes interações que estabelecemos com as redes de imigração haitiana no Brasil, com redes de pesquisadores e ativistas da imigração, ou, ainda, a partir de sua divulgação por organizações midiáticas brasileiras, como o Portal UOL e a Folha de São Paulo.

A coleta de alguns materiais nos conduziu à escolha, para entrevista, de imigrantes haitianos que tiveram participação na produção dos materiais midiáticos. Em sentido inverso, também alguns materiais acabaram sendo descobertos e coletados a partir de entrevistas realizadas com imigrantes haitianos que conhecíamos por sua participação em ações de mobilização em redes migratórias. Como segundo procedimento metodológico, efetuamos um total de 15 entrevistas semiestruturadas com 15 imigrantes – doze homens e três mulheres – que residem em seis cidades das regiões Sudeste, Sul e Centro Oeste do Brasil.²⁷

Para a compreensão da noção de narrativas, orientamo-nos pelas reflexões de Ricoeur (2010) sobre a constituição do sujeito a partir das histórias que vai contando de si mesmo que vai contando de si mesmo e, sobretudo do modo como conta a si próprio as sequências narrativas de suas identidades individu-

24 Embora os produtos continuem disponíveis na internet.

25 Após a conclusão do trabalho de campo da pesquisa, observamos o surgimento de outro projeto radiofônico dos haitianos - a Rádio Latina do Caribe - com a participação de alguns imigrantes que fizeram parte da rádio JHP. A Rádio Latina do Caribe pode ser acessada em: <https://bit.ly/2HCsDS7>

26 Alguns são produzidos em um único idioma e outros em mais de um idioma.

27 No artigo, identificamos com codinomes os haitianos entrevistados, embora os nomes de alguns entrevistados apareçam publicamente nos materiais midiáticos analisados.

ais e coletivas. Arfuch (2002) enfatiza o quanto as narrativas são estruturantes das identidades dos sujeitos que, para falarem de “si”, se reconhecem e realizam a unificação imaginária de uma multiplicidade de vivências. A sociedade em rede e as tecnologias da comunicação contribuem para a emergência de sujeitos que se narram em operações marcadas por afetos, mas também por tensões e disputas sobre suas experiências.

4. Haitianos, relações raciais e narrativas nas mídias digitais

A análise dos dados obtidos nos permite evidenciar, inicialmente, que as narrativas produzidas pelos imigrantes haitianos nas mídias digitais expõem seus processos de reconhecimento da existência, no Brasil, de um racismo “não imaginado” antes de seu processo migratório, assim como de descoberta das especificidades que configuram as relações raciais no contexto brasileiro.

Sintetizada nos títulos dos dois espetáculos teatrais - “Haiti Somos Nós” e “Cidade Vodou”, assim como na reportagem em quadrinhos “O Haiti é aqui: uma outra história dos haitianos no Brasil”, essas narrativas se ancoram na evidência que as relações raciais que aproximam historicamente os dois povos e culturas – brasileira e haitiana – são as mesmas que os distanciam na trajetória migratória vivenciada contemporaneamente pelos imigrantes haitianos no Brasil.

O espetáculo teatral “Cidade Vodou” focaliza a trajetória de um personagem haitiano – Breda – que inicia no século XVIII e atravessa as diferentes etapas da vida nacional haitiana. Breda vivencia, junto a outros personagens da peça, as experiências de opressão, revolta e emancipação do povo haitiano em episódios da “Revolução do Haiti”, do terremoto de 2010 e dos processos de migração e inserção no Brasil. Em vídeo sobre o espetáculo Cidade Vodou compartilhado nas redes sociais, o diretor²⁸ resume a proposta da obra teatral: É um espetáculo construído, elaborado por artistas brasileiros e artistas haitianos refletindo sobre essa relação, que perceberam que, ao falar sobre o Haiti contemporâneo, estavam falando sobre o Brasil e, ao falar sobre o Brasil, estavam falando sobre o Haiti [...] Quando eles chegam no Brasil, eles se deparam com o que eles não imaginavam encontrar que é o racismo [...] Revelamos a perspectiva de haitianos imigrantes e refugiados silenciados, mas que falam em cena do preconceito que encontraram aqui²⁹.

No mesmo vídeo, dois outros atores do espetáculo testemunham sobre suas experiências de descoberta e vivência do racismo no Brasil. O primeiro, que atua também como cineasta, conta que “quando eu cheguei aqui não tive

28 O diretor é brasileiro.

29 Disponível em <https://bit.ly/2uq62iW>

o espaço aberto por causa de preconceito [...] Aqui a pessoa não tem mente aberta para falar com o estrangeiro e ainda se você é negro [...] Se você é negro, tem um lugar que não é feito pra você”³⁰. O outro ator, e também músico, evoca a hierarquização e seletividade no tratamento dado aos imigrantes de origem negra pelas políticas migratórias brasileiras. “Se você for na Polícia Federal, você vai ver tantos alemães, americano, colombiano, boliviano, que está fazendo o mesmo documento [...] mas o que eu posso chamar, eu posso dizer que é preconceito, eles só veem as pessoas de cor, de cor negra”³¹.

No espetáculo teatral “O Haiti Somos Nós”, atores haitianos compartilham com a plateia suas experiências de migração e inserção na cidade de São Paulo e a descoberta da especificidade do “racismo à brasileira”. Um dos atores haitianos da peça, também presidente da União Social de Imigrantes Haitianos no Brasil (USIH), diz que “quando chegamos aqui no Brasil, estamos sofrendo muito de discriminação, racismo e trabalho escravo”, lembrando da pouca eficácia das denúncias de racismo sofrido por haitianos impetradas pela USIH no Ministério Público brasileiro. A partir de sua experiência no Brasil, o haitiano revela, ainda, percepções sobre as singularidades da estruturação das relações raciais do racismo no Haiti:

O Haiti é um país negro, e qualquer pessoa branca é considerada como negro lá no Haiti. Tem preconceito, mas racismo é difícil. Não vou falar que é impossível, mas é difícil, porque o povo é considerado negro lá. Eles não costumam de sofrer de preconceito, racismo, pessoa falando ‘volta pro seu país, o Haiti não é aqui’, muitas palavras, muitas, entendeu, ruim. (Jacky., Entrevista pessoal Nº 1, Setembro de 2016)

Na reportagem em quadrinhos “O Haiti é aqui: uma outra história dos haitianos no Brasil”, o testemunho de um haitiano lembra “que muita gente que não nos dá emprego em áreas de atendimento a clientes porque somos negros”³², referindo, ainda, o desejo dos imigrantes em “mostrar um pouco o que pensamos, muitos brasileiros não conhecem o Haiti e pensam que somos africanos”³³. Em sua biografia “Sonhos que mobilizam um imigrante haitiano”³⁴, Sheedy³⁵ relata seus esforços em preservar o orgulho de sua origem, mesmo que no Brasil perceba discriminação baseada na cor da pele. “Pensam que a gente por ser negro é ignorante, falam mal da cultura.”³⁶

No âmbito dos estudos culturais, o historiador Johnson (1999, p. 92) assinala que “contamos estórias sobre o passado, na forma de memória, que constroem versões de quem atualmente somos”. No caso dos imigrantes haitianos,

30 Disponível em: <https://bit.ly/2uq62iW>

31 Disponível em: <https://bit.ly/2uq62iW>

32 Disponível em: <https://bit.ly/2Fxmqqp>

33 Disponível em: <https://bit.ly/2Fxmqqp>

34 O livro autobiográfico foi escrito em coautoria com a pesquisadora Margarita Gaviria Mejía.

35 Sheedy também foi um dos entrevistados da pesquisa.

36 Gaviria Mejía, Simon (2015, p. 36). Acesso em: <https://bit.ly/2FwPpbN>

o enfrentamento com o racismo vivenciado no Brasil se materializa em esforços de recontar a história da nação e do povo haitiano na perspectiva de reafirmar a autonomia do Haiti através da reconstituição de uma historiografia “não oficial” relacionada especialmente à Revolução Haitiana. Isso pode ser observado nos dois espetáculos teatrais referidos anteriormente, cujas narrativas apontam para a construção de outras representações sobre o Haiti e os haitianos através de um recontar a história da nação e de seu povo.

A revolução posicionou o Haiti, na geopolítica colonial e internacional, como o único Estado Nacional formado a partir de uma rebelião de escravos, como o primeiro país nas Américas a abolir a escravidão e como o segundo a proclamar a Independência (Morel, 2017). No marco dessa geopolítica, em que as relações raciais foram centrais nas lutas pela autonomia da nação haitiana, consolidaram-se representações hegemônicas sobre o Haiti e os haitianos que, pautadas na falta, na precariedade e na pobreza do Haiti, buscam ser desconstruídas nas narrativas dos imigrantes aqui analisadas.

Essas narrativas evidenciam o que podemos denominar estratégias contradiscursivas de haitianas e haitianos que visam aproximar a sociedade brasileira de outros relatos historiográficos, na perspectiva de oferecerem também outras representações sobre o Haiti contemporâneo e “normalizar” a presença dessa nova imigração no Brasil. São narrativas que, na visão de Hall (2016) aqui abordada, situam seus enunciadores-imigrantes no campo de disputa de regimes racializados de representação, mesmo quem em desigualdade de condições e poder.

As pessoas falam que no Haiti não tem dinheiro, sempre num tom negativo. Mas eu penso que eles falam isso porque não estão educados. Se você for ao Haiti, vai ver que não é assim como todos pensam. Eu era comerciante quando estava lá, trabalhava levando produtos de um país a outro. Eu fazia negócios comprando frutas como abacate e banana (Relato de haitiano em Reportagem em Quadrinhos “O Haiti é aqui: uma outra história dos haitianos no Brasil”³⁷)

Eu já vi brasileiros falando que no Haiti não tinha nada, água, comida, frango, um dia conversei com um rapaz da Bahia, e ele só falou mal do meu país. O filme foi uma boa ideia para mostrar o oposto³⁸. (Relato de haitiano na Reportagem em Quadrinhos “O Haiti é aqui: uma outra história dos haitianos no Brasil”³⁹)

Haitianos deixam família em busca de trabalho, vão em qualquer país buscar a vida [...] Chegaram ao Brasil em busca de vida. São homens e mulheres de fibra, de 15 a 60 anos, cheios de conhecimentos, cheios de talento, tem engenheiros, tem médicos, tem enfermeiros, tem até analfabetos. (Trecho da letra do videoclipe Fuga de Cérebros interpretada por Nivard, imigrante haitiano⁴⁰)

37 Disponível em: <https://bit.ly/2Fxmqqp>

38 O haitiano refere-se à Websérie Superação também integrante do corpus de mídias focalizada nesse artigo.

39 Disponível em: <https://bit.ly/2Fxmqqp>

40 Disponível em: <https://bit.ly/2JL0qKC>

O programa “Rosto Verdadeiro do Haiti” é outra iniciativa midiática que segue essa mesma perspectiva. O programa se apresenta com o objetivo “de mostrar o lado positivo do Haiti e mostrar as oportunidades que oferece o Haiti”⁴¹, se propondo, ainda, a mostrar, no Brasil “o trabalho dos nossos irmãos Haitianos, tudo que eles fazem de bom, seja na música, empreendedorismo, Arte, Cinematografia etc.”⁴². Em perspectiva similar, se desenvolve também, na rede social Facebook, o perfil “O que mídia não mostra do Haiti”⁴³, criado por um músico haitiano que mora na cidade de Porto Alegre, no sul do Brasil. O músico compartilha, no perfil, imagens e conteúdos que propõem outras visibilidades em contraponto a imagens midiáticas de pauperização e vitimização do Haiti e dos haitianos e que se tornaram dominantes na mídia brasileira após o terremoto que atingiu o país e a presença dos imigrantes no país a partir de 2010.

[...] a gente tá trabalhando essa questão de mostrar uma outra face do Haiti, porque chega de desgraça sobre o Haiti, a mídia já mostrou demais. Agora a gente vai mostrar só coisa boa. A gente só mostra as nossas praias, a nossa comida, que é maravilhosa, as nossas praias que são maravilhosas, os nossos hotéis, a nossa música, a nossa cultura, as coisas boas da nossa cultura. E tem dado muito retorno, tem muitos brasileiros, através dessas imagens, que já tem vontade de ir ao Haiti. (Nivard, Entrevista N°2, Março 2016)⁴⁴

Nas representações midiáticas sobre o Haiti e a imigração haitiana no Brasil, alguns imigrantes questionam, ainda, a ausência, de vozes dos próprios haitianos em produções midiáticas que tratam sobre suas realidades e trajetórias migratórias.

Só que muitas vezes eu tenho a impressão de que os jornalistas estão falando para os migrantes, eles contam a história, mas não colocando a palavra na boca deles. Em muitas matérias, os migrantes não aparecem como personagens, como protagonista da sua história, e só alguém contando e parece que nem foi feita uma entrevista com eles, é só observando e aí, vou escrever isso, vou escrever aquilo [...]. E geralmente é sempre a miséria do país de origem, é guerra, é fome, tem mais destaque para essas coisas, para as coisas negativas. (Nicole, Entrevista pessoal N° 3, Abril de 2017)

Na busca por um reposicionamento de visibilidades sobre o Haiti fundadas no marco de um regime de representação racalista, os imigrantes haitianos reafirmam também o desejo de renovar o pertencimento à diáspora haitiana

41 Disponível em: <https://bit.ly/2TW10da>

42 Disponível em: <https://bit.ly/2TW10da>

43 Disponível em <https://bit.ly/2TX9JMe>

44 A entrevista foi concedida pelo músico que é também autor do videoclipe Fuga de Cérebros.

e participar da vida social e política no país de origem. No videoclipe Fuga de Cérebros, Alix Georges canta que, entre a diáspora haitiana no Brasil, “alguns vieram para estudar, outros acabam ficando porque o que buscam é um futuro certo, alguns como eu gostariam de voltar para mudar o país porque o país não oferece nada”⁴⁵, denunciando, ainda que “o cérebro do país se foi, a força do país se foi, a alma do país se foi, o país todo se foi”⁴⁶.

Há, ainda, o caso de uma imigrante haitiana que trabalha em São Paulo como professora de francês em uma Organização Não Governamental, que relatou seu engajamento em uma ação transnacional que visou intervir e provocar mudanças na educação no Haiti. Gabrielle, que chegou ao Brasil sozinha após morar no Equador por seis meses⁴⁷, criou e implementou uma página de financiamento coletivo na internet – denominada “École en Haiti”⁴⁸ – com a finalidade de arrecadar recursos para a compra de um terreno e construção de uma escola em Corail, região do Haiti em que já havia trabalhado como professora voluntária após o terremoto de 2010. A iniciativa ganhou ampla divulgação tanto nas redes sociais quanto em outras mídias brasileiras. A essa visibilidade midiática e pública da proposta, a imigrante haitiana atribui o fato de ter alcançado a meta financeira inicialmente estipulada e que lhe permitiu dar início ao projeto no Haiti⁴⁹.

Eu trabalhava nessa região. É uma região muito pobre [...] mas pobre para as pessoas que vivem nesse tipo de país Mas não é pobre, porque tem várias coisas que a gente pode transformar e trabalhar. Não é pobre porque o ar é puro, não é pobre porque a terra é boa, mas a gente não cultiva. Isso não é pobre, isso é falta de trabalho, falta de mão-de-obra. [...] Porque, às vezes, para ajudar os outros, você deve sair bem longe. Então, pode ser, se for no Haiti, eu não poderia fazer essa Vakinha⁵⁰ que estou fazendo. Pode ser sim, pode ser não. Ninguém sabe. Tudo que eu sei, agora, aqui me dá uma oportunidade para ajudar os outros. (Gabrielle, Entrevista pessoal Nº 4, Abril de 2017)

5- Conclusões

Buscamos compreender, nesse artigo, como os imigrantes haitianos produzem narrativas que expõem o reconhecimento das especificidades do relações raciais no contexto brasileiro e os enfrentamentos cotidianos com o racismo. Em suas narrativas, haitianos e haitianas reatualizam as dinâmicas e contra-

45 Disponível em: <https://bit.ly/2TX9JMe>

46 Disponível em: <https://bit.ly/2TX9JMe>

47 Gabrielle contou ter um filho que mora com o pai nos Estados Unidos

48 O vídeo da campanha está disponível em: <https://bit.ly/2FyIY9n>

49 Abordamos essa experiência em Alles & Cogo (2018).

50 Nome dado ao financiamento coletivo.

dições históricas de uma origem afrodescendente comum que, no marco de seus processos migratórios, ao mesmo tempo que aproxima, também distancia as duas culturas e nações – a haitiana e brasileira. De uma perspectiva da geopolítica transnacional dos movimentos migratórios, essas narrativas sugerem que, também nos fluxos de migrações Sul-Sul, se reproduzem hierarquias e seletividades ancoradas na ideia de raça. De um ponto de vista da nacionalidade, essas narrativas vão questionar o mito de democracia racial como narrativa fundadora da nação brasileira, evidenciando que a raça permanece como demarcadora da seletividade das políticas migratórias e como produtora de desigualdades em diferentes espaços sociais brasileiros não apenas para os nacionais, mas também para os imigrantes.

O recontar da história do Haiti em espaços das mídias digitais se revela, nessa perspectiva, como uma dimensão narrativa de enfrentamento do racismo ao operar o deslocamento de representações midiáticas dominantes que associam o Haiti e os haitianos à falta, pobreza e vulnerabilidade. As estratégias contradiscursivas dos imigrantes haitianos que se desencadeiam no enfrentamento do racismo vivenciado no Brasil se materializam, ainda, em narrativas que buscam “normalizar” a presença haitiana no país para questionar o “regime racializado de representação” refletido por Hall (2016). Os imigrantes propõem, assim, uma “positivação” de imagens da história, da vida e da cultura haitianas que dominam as representações sociais e midiáticas no novo espaço de migração, tratando de engendrar outras identificações com uma experiência cultural estrutural e historicamente depreciada e reafirmar a complexidade do que significa “ser negro” na sua intersecção com ser imigrante em um contexto de mobilidade Sul-Sul. As estratégias de contrapor conteúdos ou imagens positivas a um repertório negativo que domina a representação sobre ser imigrante negro e haitiano incrementa a diversidade dessas representações, embora não necessariamente desloque o negativo, uma vez que, como assinala Hall (2016), os binarismos são desafiados, porém permanecem e continuam a demarcar o significado.

Por fim, essas estratégias contradiscursivas evidenciam, ainda, que a desestabilização de regimes de representação dominantes sobre o Haiti e os haitianos se articulam ao desejo dos imigrantes no Brasil de estarem integrados à diáspora haitiana no mundo, que é também afetada por esses regimes racializados e a uma ordem geopolítica de desigualdades que incide nos países do Sul. Nessa perspectiva, os migrantes haitianos narram a sua experiência sobre essa diáspora na linguagem musical e em formato de videoclipe, assim como se engajam em ações transnacionais – como a da campanha de financiamento de uma escola no Haiti - na busca por participar e promover mudanças, mesmo que em nível micro, na vida dos que permanecem no país de origem.

Referências bibliográficas

- Alles, N. & Cogo, D. (2018). Mulheres imigrantes haitianas: usos de TICs e experiências de ativismo. In *Congreso Internacional de Comunicación y Consumo 2018*. Disponível em <https://bit.ly/2TSjZ8J>;
- Arfuch L. (2002). *El espacio biográfico: Dilemas de la subjetividad contemporánea*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica Argentina.
- Audebert C. (2017) The recent geodynamics of Haitian migration in the Americas: refugees or economic migrants?. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais* 34 (1): 55-71. DOI: <https://bit.ly/2urHCpi>
- Chaves L.S & Cogo D (2013). 'Racial equality activism in Brazil, communication via networks and internet: Afropress News Agency'. *Index.comunicación* 3 (2): 221-245. Disponível em <https://bit.ly/1hEd6Ou>
- Cavalcanti, L, Oliveira, T, Araujo, D & Tonhati, T. (2017). *A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. Relatório Anual 2017*. Brasília, DF: OBMigra, 2017. Disponível em <https://bit.ly/2wk9ZpV>
- Cogo D & Badet M (2013). *Guia das migrações transnacionais e diversidade cultural para comunicadores – Migrantes no Brasil*. Bellaterra/São Leopoldo: InCom-UAB/IHU-Unisinos, Disponível em: <https://bit.ly/2CBxZZY>
- Cogo D & Pássaro M (2017). 'A "foto roubada": mídias, visibilidade e cidadania da imigração haitiana no Brasil', *E-Compós - Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, 20 (1): 1-23. DOI: <https://bit.ly/2HESWHv>.
- Cogo, D. & Machado, S. (2011). Redes de negritude: usos das tecnologias e cidadania comunicativa de afro-brasileiros.(211-237) In Morigi, V. J, Girardi, I. M. T. & Almeida, C. D. (Eds.), *Comunicação, informação e cidadania: Refletindo práticas e contextos*. Porto Alegre: Editora Sulina.
- Cogo D & Silva T (2016). 'Entre a "fuga" e a "invasão"- alteridade e cidadania da imigração haitiana na mídia brasileira', *Revista Famecos – mídia, cultura e tecnologia*. 23 (1): 1-18. DOI: <https://bit.ly/2Olx3on>
- Freyre, G (2002). *Casa-Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Record.
- Georgiou, M (2018) Does the subaltern speak? Migrant voices in digital Europe. *Popular Communication*. 16 (1): 45-57. DOI: <https://bit.ly/2Twv6iy>
- Glick-Schiller, N., Basch, L. & Szanton-Blanc, C.(1995). From immigrant to trans-migrant: theorizing transnational migration. *Anthropological Quarterly*. 68 (1): 48-63. Disponível em <https://bit.ly/2XoOh10>
- Guarnizo, L. (2004). Aspectos económicos del vivir transnacional. *Colombia Internacional*. 59: 12-47. DOI: <https://bit.ly/2YlowyU>
- Haesbaert, R. (2007) *O mito da desterritorialização*. Do "Fim dos Territórios" à Multiterritorialidade. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- Hall, S. (2016). El espectáculo del "Otro". In Hall, S.. *Sin garantías: Trayectorias y problemáticas en estudios culturales*. (pp. 419-445) Popayán (Colombia), Envion Editores

- Handerson, J (2017) A historicidade da (e)migração internacional haitiana. O Brasil como novo espaço migratório. *Periplos – Revista de Pesquisa sobre Migrações*. 1 (1): 7-26. Disponível em <https://goo.gl/CJPBpg>
- Handerson, J (2015). *Diáspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana francesa*. 2015. Rio de Janeiro: UFRJ. Disponível em <https://bit.ly/2HS7zqi>
- Johnson, R.. O que é afinal estudos culturais? In: Johnson, R., Escosteguy, A. C. & Schulman, N. *O que é, afinal, estudos culturais?* (pp. 7-131). Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- Martin-Barbero, J (2004). *Ofício de cartógrafo – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo, Loyola.
- Munanga, K. (2004). A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. *Estudos Avançados*. São Paulo, 18 (50), 51-56. (Entrevista)
- Pimentel, ML & Cotinguiba, GC (2014) Elementos etnográficos sobre imigração na Amazônia Brasileira: Inserção social de haitianos em Porto Velho. *Revista Temas de Antropología y Migración*. 7: 31-55.
- Morel, M (2017). *A revolução do Haiti e o Brasil escravista – o que não deve ser dito*. Jundiáí-SP: Paco Editorial.
- Oliveira, T. (2017, novembro 21). Seis estatísticas que mostram o abismo racial no Brasil. *Carta Capital*. Disponível em <https://bit.ly/2zWHEaS>
- Portes, A. (2004) Convergências teóricas e dados empíricos no estudo do transnacionalismo migrante. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 69, 73-93, Disponível em <https://bit.ly/2JDpkvK>
- Ricouer, P (2010). *Tempo e narrativa – a intriga e a narrativa histórica*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Seyferth, G. Imigração no Brasil: os preceitos de exclusão, 2000. Disponível em <https://bit.ly/2Woal59>.
- Seyferth, G (2007). Os estudos da imigração no Brasil: Notas sobre uma produção multidisciplinar. In: Seyferth, G., Pova Neto, H, Zanini, MC & Santos, M. (ed.) *Mundos em movimento. Ensaio sobre migrações*. (pp. 15-44). Santa Maria: Editora UFSM.
- Silva, S. (2018). Haitianos no Brasil - meandros e desafios de um processo de inserção sociocultural. In L. Bogus & R. Baeninger. *A nova face da emigração internacional no Brasil*. (pp. 459-476). São Paulo; EDUC.
- Silva, P. V. B. & Rosemberg, F. (2008). Brasil: lugares de negros e brancos na mídia. In T. V. Dijk (coord.), *Racismo e discurso na América Latina* (pp. 73-118). São Paulo: Unesco - Editora Contexto.
- Silverstone, R (2010) *La moral de los medios de comunicación*. Amorrortu, Buenos Aires.
- Ximenes, D.; Almeida, G. (2014). Brasil de volta ao imaginário de imigrantes. Labor – *Revista do Ministério Público do Trabalho*. 2 (5), 26-32. Disponível em <https://bit.ly/2WeyQHg>